

# Adélia Prado – Discurso

Não tinha um adjetivo para o dia e desejei ficar triste.  
Fui moer lembranças,  
remoê-las com a areia pobre mas grossa  
de minha desmesurada moela.  
Em mim, tanto faz meu coração ou estômago,  
já que nem pra rezar eu sei partir-me.  
Como quem junta espigas pro moinho,  
juntei uns cheiros de alho, de álcool, de sabonete,  
um cheiro-malva de talco, uns gritos,  
fezes que se pisou ao redor da casa  
com cheiro não tanto repudiável  
– podia-se limpá-las, mas não eram execráveis –,  
a incúria colateral de vários pâncreas,  
o Trypanosoma cruzi, várias cruzeiras no sangue, no exame,  
nas covas, nas torres, no cordãozinho de ouro,  
na forma de levantar os braços e dizer:  
“Ó Pai, duro é este discurso, quem poderá entendê-lo?”  
Se abrisse um sol sobre este dia incômodo,  
eu rapava com enxada os excrementos,  
punha fogo no lixo  
e demarcava mais fácil os contornos da vida:  
aqui é dor, aqui é amor, aqui é amor e dor,  
onde um homem projeta o seu perfil e pergunta atônito:  
em que direção se vai?  
É às vezes fazendo a barba  
ou insistindo no vinco de sua calça branca  
que ele quer saber.  
É às vezes aparando as unhas,  
em nem sempre escolhidas horas,  
que ele tem a resposta.  
Um adjetivo para o dia, explica.

**Adélia Prado, O coração disparado**